

## **Da autora:**

*Um acordo de cavalheiros*

*A perdição do barão*

*A desilusão do espião*

*Um enlace entre inimigos*

**EDITORA-EXECUTIVA**

Renata Pettengill

**SUBGERENTE EDITORIAL**

Marcelo Vieira

**ASSISTENTE EDITORIAL**

Samuel Lima

**ESTAGIÁRIA**

Georgia Kallenbach

**REVISÃO**

Renato Carvalho

Wilson Silva

**DIAGRAMAÇÃO**

Beatriz Carvalho

Mayara Kelly

**IMAGEM DE CAPA**

© Ilina Simeonova / Trevillion Images

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJJ

V426e Vargas, Lucy

Um enlace entre inimigos [recurso eletrônico] / Lucy Vargas. – 1.  
ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.  
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-038-2 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

21-68642

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

---

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

# Sumário

## [Prólogo](#)

## [Capítulo 1](#)

## [Capítulo 2](#)

## Capítulo 3

## Capítulo 4

## Capítulo 5

## Capítulo 6

## Capítulo 7

## Capítulo 8

## Capítulo 9

## Capítulo 10

## Capítulo 11

## Capítulo 12

## Capítulo 13

## Capítulo 14

## Capítulo 15

## Prólogo

Portugal, abril de 1811

Os homens seguiram correndo pela beira do rio. O marquês de Hitton podia ouvir a respiração dos outros dois à sua volta. A operação havia sido comprometida. Precisavam partir e aquela era sua rota de fuga secundária; a primeira opção já havia sido descartada. Eles não sabiam quão fundo os franceses haviam se infiltrado em sua organização. Mas cinco agentes estavam mortos e três haviam voltado para a Inglaterra. Desde o início da guerra contra Napoleão e do seu trabalho interno, o marquês jamais vira uma operação desmoronar tão rapidamente.

Alguém teria de ser responsabilizado. Alguém os traíra. E ele era o único que tinha as pistas para encontrar o culpado e evitar estragos ainda maiores e novas mortes.

O marquês e mais dois agentes haviam partido com o comando das tropas francesas que enfrentaram Wellington e regressavam à Espanha. Mas, quando a operação na França caiu, seus disfarces foram comprometidos e o aviso chegou tarde demais. Eles não conseguiram transmitir a informação necessária, mas escaparam do cerco feito em Almeida. A única chance era encontrar o receptor na margem oposta do rio a dois quilômetros.

O marquês sabia quem devia encontrar. Por mais irônico que fosse, seu salvador era exatamente quem ele menos esperava. O receptor havia se unido às tropas inglesas quando Wellington assumiu o comando e lá recebia as informações necessárias para executar suas próprias tarefas. Todos o consideravam jovem demais para o cargo, mas a verdade é que os contatos não faziam ideia de quem ele era. Mas Hitton sabia. Ele sempre soube por onde seu contato andava. Sabia que ele havia sido treinado pelo pai, que exercera o mesmo trabalho.

Hitton ouviu um estrondo e soube que haviam sido alcançados. Suas botas afundavam na lama, suas pernas estavam cansadas. O trabalho já não lhe exigia tanto esforço físico; o disfarce lhe pedia para usar a mente, não os músculos. Não era mais um jovem, mas não ia se dar por vencido.

— Vou atrasá-los! Siga em frente! — disse seu companheiro inglês de algum lugar da mata. Estava ofegante e ferido. Escapar não havia sido fácil.

E o marquês sabia que alguém precisava terminar ao menos aquela fase da missão. Portanto, não questionou, não podia ser sentimental em seu trabalho. Apegar-se a alguém no meio de uma guerra significava morte certa.

Ouvindo os tiros, o marquês jogou-se na água rasa e mais fácil de atravessar. Os sons eram seu único guia; soube disso quando o outro agente entrou no rio e foi imediatamente alvejado, o corpo tombando para a frente logo em seguida. Continuou avançando sem olhar para trás, mesmo sabendo que a lua o iluminava.

Pouco depois sentiu um tiro atravessando seu ombro. Vacilou, mas não seria um tiro que o derrubaria. Os franceses entraram na água. Deslocava-se com lentidão, cansado e ferido. Aquela missão estava prestes a acabar. Com sorte ele seria morto; a tortura duraria um longo tempo antes que ele finalmente partisse em paz.

— Parado aí, traidor! — disse uma voz atrás dele enquanto mais sons de pessoas entrando na água ecoaram pela noite.

Eles não sabiam se ele era um dos ingleses infiltrados ou um dos franceses que haviam traído o comando de Napoleão. Não fazia diferença para eles, mas Hitton servia orgulhosamente à Inglaterra. A margem oposta estava logo à frente, mas não ia conseguir alcançá-la. Os franceses estavam perto demais e agora tentavam capturá-lo vivo em vez de matá-lo. Podia sentir o cerco se fechando à sua volta. Ia cair sem se despedir das duas únicas pessoas que amava e sem nem terminar a missão.

Luzes apareceram logo à frente. Tochas se acendiam no meio das árvores e tiros começaram a ecoar do lado oposto, alvejando aqueles que o perseguiam. Respirando fundo, Hitton alcançou a margem. Tropeçando e caindo, levou a mão à frente do peito onde guardava seu segredo. Então levou outro tiro, que o fez cair de joelhos, apoiado nas mãos feridas. Ao levantar a cabeça e ver os homens que saíam da mata, reconheceu seus compatriotas. Um homem alto e loiro sacou a arma e atirou no soldado que havia acabado de atingi-lo.

No escuro, iluminados apenas pela luz da lua e das tochas, tudo que o marquês pôde ver quando o homem se aproximou foram seus fantásticos olhos prateados. Ele o levantou e o

carregou mata adentro. Os demais ingleses entravam na água na tentativa de recuperar os corpos dos franceses antes que a correnteza do rio os levasse e alguém no Forte de Almeida os visse.

— Preciso de um médico, agora! — gritou o homem, deitando o marquês numa pequena clareira.

Forçando-se a manter os olhos abertos, o marquês de Hitton fitou o semblante de seu receptor. O duque de Hayward — seu suposto inimigo numa rixa familiar que já durava séculos — quebrara o protocolo e agira para salvá-lo, arriscando a própria identidade.

— Escute-me bem — disse o marquês em voz baixa para que somente o duque o ouvisse. — Quando mandar comunicar minha morte, diga que fui morto lutando em solo inglês. É tudo que elas devem saber. Minta como sei que sabe fazer.

O duque assentiu, mas não estava disposto a pensar nessa possibilidade.

— Onde está esse maldito? — gritou o duque, e um homem veio correndo da direção do rio.

— Aqui — Hitton levou a mão ao bolso secreto no peito de seu uniforme e puxou de dentro dele uma folha de papel muito bem dobrada e a entregou ao duque. — Essa era minha última tarefa. Os nomes estão aí. Minhas anotações mais recentes também. Provam o envolvimento... — ele perdeu o ar, e o sangue começou a encher sua boca.

O médico tentava conter a hemorragia do marquês enquanto o duque o segurava firmemente.

— Prometa-me que elas não saberão que morri longe do meu país.

— Ninguém saberá — disse o duque, olhando o marquês nos olhos, mas desviando o olhar para os ferimentos quando o médico pediu que iluminassem melhor.

O marquês de Hitton, um autêntico Bradford, morreu nos braços do último duque de Hayward, seu suposto inimigo. Ele conseguiu pedir muito mais que esperava de sua morte. Quando falhou em deixar esse trabalho, pois precisava lutar na guerra por trás da guerra, achou que acabaria morrendo como indigente.

Jamais imaginou que estaria nos braços de um Mowbray, família responsável pela morte de diversos dos seus antepassados. O médico indicou com a cabeça que não havia como salvá-lo. Hayward ficou de pé e chamou alguém com um breve aceno. Leu o papel sob a luz das tochas, rasgou uma parte com precisão e a entregou ao homem que parou à sua frente.

— Encontre todos. Arranque toda informação que puder e os elimine — ordenou não com prazer, mas com irritação. Tinha uma operação para reconstruir. Até o outro receptor estava morto. — Sem rastros, Thorne.

Seu agente assentiu, leu as palavras do marquês, já começando a memorizar os nomes e partiu, afastando-se da luz. Hayward hesitou um momento ao olhar o corpo do marquês e fez um sinal para que o levassem. Atenderia ao seu último pedido.

— Apaguem as tochas e vamos embora — ordenou.



## Capítulo 1

Londres, primavera de 1815

O salão do Teatro Real, Covent Garden, estava lotado. Todos os convidados haviam comparecido a um dos eventos mais seletos e aguardados da temporada. O espaço estava repleto de marqueses e condes acompanhados de suas famílias. Como os duques eram um grupo quase inexistente, seria uma satisfação se algum comparecesse. Tudo estava muito colorido, ainda mais porque se tratava de um baile de máscaras.

Era um acontecimento ambicioso: uma ópera abriria o evento, e os convidados já deviam chegar vestidos a caráter. A sociedade adorava uma novidade, ainda mais quando a anfitriã era uma duquesa, e o convite, mais concorrido que o voucher do Almack's em qualquer quarta-feira.

Apesar do incômodo da data tão no início da temporada, os presentes precisavam agradecer aos anfitriões por terem escolhido uma época ainda fresca para o evento ou estariam todos derretendo sob tantas velas. Máscaras ornadas com os mais diversos materiais enchiam o ambiente. Pedras preciosas, ouro, cetim e tinta; tudo servia para enfeitar as máscaras que nem sempre combinavam com o traje escolhido. Muitos

convidados gastaram até o que não tinham, mas a regra era chamar atenção.

Afinal, os melhores partidos estariam presentes. E todos procuravam disfarçar que Napoleão não havia escapado de Elba; do contrário, a temporada estaria arruinada antes mesmo de começar.

Com ou sem guerra, estava aberta a temporada de caça aos maridos. Matronas eram vistas empurrando jovens de um lado para o outro.

Os partidos mais disputados que já haviam sido reconhecidos mesmo mascarados eram cercados como um torrão de açúcar em um formigueiro. As damas faziam mistério com suas máscaras, torcendo para serem reconhecidas por seus admiradores.

Ironicamente, uma das pessoas que mais tinha liberdade ali era justo o melhor partido disponível, pois ninguém queria ficar no seu caminho. Nathaniel, formalmente registrado como Nathaniel Mowbray, mas chamado apenas de duque de Hayward, causava um frisson mudo.

O que não era necessariamente bom.

*Fique longe dele.*

Todos queriam ver, observar e estudar, mas sem chegar muito perto e de preferência sem que ele notasse. Sussurravam quando falavam do duque para não correrem o risco de ele aparecer. Nathaniel raramente ia a bailes; quando o fazia, era apenas para constar que estava em Londres ou porque tinha alguma consideração pelo anfitrião. Era o caso daquela noite. Tanto falaram desse evento que até ele ficou curioso, e o dono

da festa — o outro duque do salão — era Trouville, seu velho de guerra. Os dois trabalhavam juntos havia cerca de quinze anos, só que ninguém sabia.

Ambos tinham motivos para serem vistos em público enquanto o caldeirão que era a Europa fervia à espera dos próximos passos de Napoleão. Nathaniel nunca parou de trabalhar; o retorno do imperador era só mais um obstáculo para reagrupar seus homens. Espiões nunca ficavam sem trabalho, ainda mais em períodos como aquele.

Em meio a toda aquela pompa e exagero, Nathaniel usava uma máscara preta — assim como a roupa —, presa ao rosto por uma fita dourada que cobria toda a parte superior do seu rosto. Os olhos prateados esquadrihavam o ambiente através dos buracos na máscara. Para aumentar ainda mais o assombro dos outros, estava acompanhado. O duque nunca tinha alguém ao seu lado. Por suas costas gostavam de dizer que nenhuma mulher ousaria se envolver com tamanho tirano.

As más línguas diziam que ele com certeza se comportaria como um na cama. Mas encontrar alguém que tivesse dormido com ele era uma tarefa inglória; então ficava difícil contestar.

*Ela vai deixá-lo.*

A acompanhante de Nathaniel, Lady Marianne, viscondessa viúva de Townfield, era bonita, agradável e... viúva. Demonstrava interesse ao flertar com ele e não o temia; nunca tivera motivos para tal. O duque estudava a possibilidade de lhe propor um acordo matrimonial. Era uma mulher interessante que tinha renda própria e herdeira de uma ótima propriedade do marido. Ela não precisava se casar, aceitaria somente se

quisesse. E se encaixava no perfil que o duque procurava, não lhe traria surpresas ou desafios. Sairia tudo como o planejado, do jeito que ele gostava.

Já tinha desafios demais em seu trabalho.

*E ele vai matá-la também.*

Marianne não era uma jovem iludida e sabia quando um homem correspondia ao seu interesse. Mesmo um tão indecifrável quanto Hayward. Ambos pareciam buscar a mesma coisa. Ela era mais esperta que aquelas jovens frívolas que o temiam; considerava-o o homem mais interessante e com certeza o mais misterioso que conhecera. Sempre esquivo. Achava que isso gerava interesse, mas podia estar enganada.

*Libertinos e beberrões não são nada se comparados a ele.*

Parecia que o poder era uma camada sobre sua pele, algo que usava como adorno. Seus trajes bem cortados e sempre em tons escuros rebatiam a maledicência com elegância. A cor fechada contrastava com o cabelo loiro claro e com os olhos cinzentos que mais pareciam prata pura. Ela podia até imaginar como era vê-lo em seu castelo, na sua intimidade. Aquelas jovens definitivamente não sabiam apreciar um homem real.

— Está vendo o duque? Logo ali, próximo às pilastras — perguntou em tom baixo a voz masculina, checando se alguém prestava atenção.

— Creio que sim — respondeu Isabelle, olhando de longe.

— Então livre-se desse velho e dê um jeito de encontrar-se com Hayward — disse seu primo George em tom autoritário.

— Não vou fazer isso. O pobre Lorde Barthes está com câimbras e precisa de mim para ajudá-lo a andar.

— Deixe de ser tola! Esqueça esse velho, ele não é importante!

Isabelle Bradford franziu o belo nariz por baixo da máscara dourada cravejada de pequenos rubis que cobria a parte superior do seu rosto. Um dia, aqueles rubis estiveram em um colar, mas precisaram ser reaproveitados. Para deixar a máscara bem à mostra, seu cabelo castanho avermelhado estava preso com alguns cachos soltos pelo pescoço. Ela olhou para o velho que acompanhava e lançou-lhe um sorriso de pena. Era mais um iludido, completamente ludibriado por sua beleza e seus modos impecáveis.

*Uma aproveitadora. Típico da família.*

Era assim que vivia desde que voltara do colégio. Ser uma dama perfeita, assim como uma das mais hábeis vigaristas, era como se fosse sua profissão. Tinha vinte anos, mas mentia dizendo que tinha dezoito. Estava, para todos os efeitos, em sua temporada de apresentação em Londres, mas já circulava por lá havia um ano, mesmo sem poder ser devidamente apresentada à sociedade como debutante. Fingia ser acompanhante da tia, a atual marquesa.

Era um desgosto ter aquela mulher como marquesa de Hitton.

Como os Bradford andavam sumidos e Isabelle estivera fora da cidade, ninguém ali poderia contestar sua idade. Tal mentira datava dos tempos do colégio. Eles não a educaram em casa; enviaram-na para uma seleta e rígida escola para damas, idealizada por Lady Riven, uma matrona rica e solitária.

No começo só moças da aristocracia eram aceitas para passar verões e curtos períodos. Com as mudanças na economia, passaram a reservar uma parte diferente do ano para as meninas de famílias burguesas ricas que queriam ter suas filhas “treinadas” para serem damas.

Mas Isabelle ficou lá por mais que um verão ou parte do inverno. Seus tios não a queriam em casa. Não antes de se tornar uma dama perfeita.

— Vamos, já vai começar — Isabelle convidou seu bobo da noite.

Ela era tão hábil em encantar e enganar que os homens nem notavam. Depois de simplesmente se distanciar, os deixava com saudade da jovem bela e gentil até perceberem que ela não seria sua. Qualquer um podia ser ludibriado pela sua vigarice. Fora bem treinada, e seus métodos eram infalíveis. Mas seu tempo estava acabando, pois seus familiares a preparavam para um propósito muito maior.

### *Enganar o diabo.*

Tudo começou com a obsessão de Genevieve de pôr fim à rixa entre as famílias, mas com vitória dos Bradford. George bolou um plano que os pais transformaram em realidade. Por causa do falecido marquês, a família dele aproveitava para visitar a propriedade mais que o recomendado. Isabelle ainda não terminara sua educação e só continuou a recebendo porque o pai deixara escrito no testamento que caso não a educassem e arranjassem um marido do gosto de sua filha toda a fortuna seria doada para a família de sua esposa, deixando só as propriedades e os títulos para eles.

E os tios de Isabelle jamais permitiriam que isso acontecesse, especialmente Genevieve, que considerava a mãe dela, Madeline, uma mulher sem valor, mesmo sendo filha de um nobre escocês.

Allen, marquês de Hitton, morreu inesperadamente após uma missão diplomática, e seu irmão, Gregory, caiu em cima da cunhada e da sobrinha, reivindicando seu direito ao título. Como Allen não havia tido nenhum filho homem, o título de marquês ficou para o irmão mais novo. Mas o falecido conseguiu criar algumas barreiras ao acesso à sua fortuna; como se já soubesse que morreria em breve, deixou cada ponto elucidado, frustrando qualquer plano que os familiares tivessem de jogar sua esposa e filha porta afora de casa.

Eles teriam as terras e o título, mas o dinheiro que cabia automaticamente ao irmão era pouco. Se quisessem o restante, teriam de garantir o bem-estar de sua esposa e filha; o que fizeram da forma mais torta possível.

A ópera começou. Isabelle estava no camarote com Lorde Barthes, que lhe falava das qualidades do neto que estava prestes a regressar à Inglaterra. Ele não tinha interesse nela, mas queria segurá-la para apresentá-la ao neto. Não era sempre que Isabelle dava essa sorte. Já teve de usar todo seu talento para escapar de mãos indesejáveis. Mesmo que se interessasse por alguém, precisaria manter sua donzelice intacta, pois seu destino era sacrificá-la por um bem infinitamente maior para sua família.

Ao menos nesse último aspecto não divergia tanto das outras jovens da sociedade.

Apesar de estar circulando por Londres havia um tempo, Isabelle procurava não chamar atenção. Impossível, visto que era uma Bradford. E como passar despercebida quando se é uma das mais belas mulheres de seu tempo? Beleza essa que usava como uma arma.

Com o início do plano, tiveram de cancelar sua participação em esquemas para arrancar dinheiro de homens solícitos ou secretamente encantados por ela. Lorde Barthes, por exemplo, queria tê-la na família e, para agradá-la, a cobria de presentes. Temia que ela voltasse suas atenções para outro antes de conhecer Rowan, seu neto que estava precisando de uma esposa.

Um dos presentes foi a pulseira que ela usava. Mas, assim que o evento terminasse, George iria confiscá-la para pagar algum outro custo que tiveram para ficar em Londres.

A grande rivalidade entre as famílias sempre foi assunto nas cortes de vários monarcas. Era conhecida como o embate entre os Hitton e os Hayward, chamados pelos títulos quando citados juntos. Por causa da célebre história, geralmente não se referiam a eles pelos sobrenomes, como acontecia em outras famílias, mas isso nunca impediu os Bradford de lembrar como o sobrenome de seus rivais era desprovido de nobreza: Mowbray. No entanto, foram os Mowbray que acabaram recebendo um ducado.

Os Bradford já haviam sido uma das famílias mais importantes da Inglaterra, tanto que rivalizavam com os Mowbray. Na corte sempre estiveram em lados opostos, mesmo que apenas para contrariar um ao outro. Mas as últimas



gerações selaram o destino da atual. Os Mowbray começaram a extinguir, até que sobrou apenas um descendente direto que carregava o sobrenome deles.

Os Bradford foram mais bem-sucedidos na continuação da linhagem, mas, em compensação, estavam falidos. O pai de Isabelle ascendera ao título com o objetivo de recuperar a fortuna da família. Teve algum sucesso, mas o que deixou já havia acabado e a renda anual não era suficiente. Gregory e sua família consumiram tudo como gafanhotos em uma plantação. Além de gastadores, não eram bons em ganhar dinheiro por meios lícitos.

Nem nunca foram.

A beleza e a esperteza da moça eram responsáveis por parte dos ganhos extras da família, porque, além de receber presentes secretos, ela sabia *pegar* o que precisava. Enquanto ficou fora sendo educada, apenas George fazia esse tipo de coisa, volta e meia envolvendo-se em negócios ilegais. Agora ele tinha amantes ricas, ganhava no jogo e roubava coisas aqui e ali. Ninguém sabia da verdadeira situação deles naquela sociedade em que sobrenome e linhagem eram tudo.

*Além de vigarista, uma ladra.*

Uma rixa tão antiga entre famílias era cara. Golpes e roubos eram comuns dos dois lados, mas só um deles venceu a guerra financeira. Os Mowbray eram culpados por boa parte dos infortúnios econômicos que culminaram na situação atual dos Bradford; ao menos era essa a história que perpetuavam. E Isabelle deveria sempre se lembrar de que quem levara seu pai

ao fundo do poço e, em consequência, à morte fora o último membro daquela família amaldiçoada.

O motivo e a maneira ainda eram desconhecidos. Sabia apenas que o duque e seu pai se envolveram na diplomacia inglesa e, no fim, o marquês foi acusado de traição e ainda deixou uma dívida a ser paga. Seus tios se recusavam a revelar todos os detalhes; alegavam ser algo capaz de macular a imagem que a filha tinha do pai. Mas isso não impedia Isabelle de continuar procurando os detalhes.

Madeline, a marquesa viúva, também não sabia muito. O caixão com o corpo do marquês demorara para chegar e fora imediatamente enterrado. Certa vez, George lhe disse que Allen foi assassinado ao confrontar o duque após ser acusado de traição. Disse ainda que o marquês o fizera de propósito, que preferia morrer a sujar o nome dos Bradford. Eles sempre foram fiéis ao trono inglês, mesmo nas ocasiões mais incertas do país.

Por outro lado, os Mowbray pareciam farejar com antecedência a derrocada de um monarca. E em alguns momentos da história, além de estarem de lados opostos pela rixa, também discordavam em pontos mais sérios. A trajetória da briga entre as duas famílias era profundamente ligada a épocas políticas da história inglesa.

— Sim, esperarei aqui — respondeu o duque à Lady Townfield assim que a ópera acabou.

Marianne deu o braço a uma conhecida e se dirigiu à sala das damas, deixando Nathaniel próximo à entrada principal do teatro. Por ali não havia muitas pessoas; estavam quase todas

amontoadas no salão dos camarotes ou já haviam partido para a mansão de Trouville, onde o baile de máscaras seria seguido por um banquete. Sentindo a noite chamá-lo, Nathaniel se virou para as portas. Nesse instante, viu a moça que o deixou sem ação e o empurrou de volta à lembrança mais dolorosa de sua juventude.

Isabelle estava nervosa, algo que nunca ficava ou pelo menos não demonstrava. Gostava de crer que era fria como neve recém-caída. Mas foi impossível disfarçar. Nunca havia se deparado com o duque. O homem parecia um fantasma; ninguém poderia afirmar que o via com frequência. Agora estava a alguns passos dele e, para sua surpresa, chamara sua atenção.

Nathaniel ficou paralisado enquanto olhava fixamente para a dama de pé à sua frente, mas fora de seu alcance. O tema das vestimentas era livre; tratava-se de um baile de máscara, não de fantasia. Extravagância era recomendada e personagens não eram desencorajados. No entanto, ela usava um vestido delicado em tons de azul com detalhes dourados como os da roupa dele e uma máscara clara.

O traje, um vestido da moda de anos atrás, o fez lembrar-se de alguém. O cabelo, bem iluminado pelo candelabro próximo, parecia mais vermelho que realmente era. A pessoa na mente dele era ruiva e usou aquela mesma cor na primeira vez que se vestiu para um evento social ao lado dele. Assim como deixou para trás um vestido de casamento daquela cor. O único problema era que estava morta havia anos. Mas aquela imagem

à frente dele era de carne e osso, e virou o mundo dele pelo avesso.

Paralisada pela visão do homem à sua frente e pelo encontro acontecer antes que estivesse preparada, Isabelle cerrara os punhos, machucando as palmas das mãos com as unhas. Ele não se parecia com o que ela havia imaginado. A despeito da máscara, pensara em alguém mais baixo, calvo e com uma postura menos soberba. Não um homem que aparentava estar em ótima forma. Imaginara alguém medíocre, que fizesse jus à descrição dada pelo primo dela. Definitivamente, “patético” e “medíocre” eram palavras que jamais serviriam para descrever o duque de Hayward.

Ela se sobressaltou quando ele deu um passo em sua direção; então correu para fora do teatro. Nathaniel ficou encarando as portas até que sentiu um leve toque no braço. Marianne lhe sorriu, o convidando a lhe fazer companhia até a casa de Trouville.

— Onde esteve? — perguntou George assim que segurou o braço da prima.

— Estava vindo para cá — respondeu Isabelle, afastando-se.

— Demorou demais! O duque já partiu e, para minha surpresa, está com uma mulher. Livre-se dela rapidamente.

— Não sei como espera que eu...

— Não comece com essas respostas cínicas; eu a conheço bem, esqueceu? Dê um jeito de envolvê-lo para que ele esqueça que um dia viu aquela mulher. Quanto mais rápido fizer isso, mais rápido estaremos livres.

Isabelle bufou e entrou na carruagem. Ele devia achar que a prima tinha poderes mágicos, só podia. Mandava-a fazer as coisas mais absurdas. Não tinha como Isabelle envolver o duque se estava fugindo dele. Não imaginou que vê-lo pela primeira vez lhe causaria tamanho impacto. Desde que o pai se fora e ela tomou conhecimento dos planos de sua família que temia tal momento. E não ocorreu como pensou que seria.

\*\*\*

Enquanto olhava para o homem ao seu lado, Marianne se perguntava se eram verdade os boatos sobre ele. Não estava apaixonada, mas tinha interesse em manter um caso discreto. Após a morte do marido, não era fácil chamar atenção dela. A postura reservada do alto e elegante duque, que repelia tantas outras, ela encarava como um grande atrativo. Não se queixava se estivesse cheio de pretendentes o cercando, teria sido difícil estabelecerem um primeiro contato.

— Acho que suas conhecidas não se aproximaram por minha causa — disse Nathaniel, sem tirar os olhos das pessoas que circulavam à frente deles.

— Imagino que sim — respondeu Marianne, parecendo não se importar.

Ela tirou a mão que apoiava no braço dele. Não era a primeira vez que se viam, já tinham alguma intimidade. Era uma viúva, não uma jovem ingênua. Se não dessem certo, ela não agiria como uma donzela desesperada. Ambos podiam sair satisfeitos daquela associação.

— Entretenha-se um pouco com elas. Preciso falar com Trouville — sugeriu Nathaniel num tom que soava como uma sugestão, mas não deixaria de ir aonde precisava.

Livre de Marianne, Nathaniel circulou pelo salão, os olhos atentos, mesmo com a máscara limitando sua visão periférica. Não queria se ver livre de sua acompanhante porque se cansara dela, mas queria descobrir uma coisa, e quando colocava algo na mente nada o impedia.

— Pare de abrir clareiras no meio das pessoas — disse o conde, parando ao lado de Nathaniel.

Um sorriso leve se formou nos lábios dele quando virou para Zachary, o conde Devizes. Seu melhor amigo.

— Se veio ao baile, imagino que já tenha resolvido a questão com Lady Linny — disse Nathaniel, em voz baixa, referindo-se ao último grande problema do conde.

— Sim, está tudo terminado — afirmou Zach.

Depois de um pequeno contratempo durante a ópera, o conde precisou se ausentar, pois sua antiga amante, Lady Linny, ameaçou fazer um escândalo. Ele odiava virar o centro das atenções e das fofocas da sociedade, esforçava-se para sequer se lembrarem de que ele existia. Já era um fardo ser um conde solteiro, gozando de boa saúde e em ótima situação financeira. Agora se arrependia de ter se envolvido com a mulher. Não queria um caso fixo, nunca dava certo para alguém como ele. Sem contar o fato de que ela era casada. Será que se esquecera do marido? O homem estava presente.

— Espero que agora você gaste uma noite inteira de conversa antes de levar alguém para a cama. Assim enxergará

acima do colo da dama — alfinetou o duque.

— Confesso, fui impulsivo e levado pelas aparências — admitiu o conde, dando um tom espirituoso ao assumir seu erro.

O duque lançou um olhar divertido para o melhor amigo, que estava com uma máscara em tons de areia e prata. Zach não costumava se envolver em questões amorosas. Preferia as anônimas às estrelas da sociedade. Mas errar era humano e ele provavelmente ficou tão inebriado pela disponibilidade e pelo belo corpo de Lady Linny que se esqueceu de, antes de mais nada, descobrir o que havia naquela cabeça bonita, porém inconsequente.

— Nos vemos mais tarde — Nathaniel voltou a caminhar lentamente.

Zach já estava acostumado com o duque e sabia que suas breves conversas começavam e terminavam de forma abrupta. Também não quis saber o motivo de Nathaniel estar andando pelos cantos do salão e, vez ou outra, cortando pelo meio das pessoas ou, melhor, abrindo clareiras entre elas. Ele sempre tinha um motivo.

Os convidados sabiam que era obrigatório tirar a máscara antes do jantar. Tinham até a última música para fazê-lo, mas muitos nem a usavam mais. George era um deles, pois assim conseguia ver melhor e agora procurava a prima, que havia escapado em meio às pessoas. O duque também ia tirá-la; assim como George, queria ter um campo de visão melhor. Mas seu motivo veio até ele por conta própria e parou abruptamente quando o viu. Nathaniel sabia que ela era jovem e imaginava

que, assim como as outras, também o evitava. Afinal, se não estava enganado, ela havia fugido do teatro.

E ele era um tolo. Sabia muito bem que tudo não passara de um vislumbre que lhe trouxera uma memória dolorosa. Desde que voltou à Inglaterra em definitivo, a lembrança e os pesadelos o vinham assombrando e ele não tinha controle sobre isso. Depois de tanto tempo, ainda desejava saber o porquê daquilo. Nenhum sentimento bom restara daquela época.

*A lembrança do seu crime.*

Decidida a fazer sua parte, Isabelle ergueu a cabeça e passou pela frente do duque. Só então parou, encarando-o. Não tinha medo dele, não podia ter. Estreitando os olhos, Nathaniel pensou ter visto a cor azul nos olhos dela. Se assim fosse, a jovem teria mais um ponto diferente de sua lembrança. Ele devia estar enlouquecendo. *Tudo* nela era diferente. Para começar, ela estava viva.

Aproximou-se. De perto viu que o cabelo da jovem era mais castanho que parecera antes. Sua pele também tinha um tom mais forte que a mulher dos seus pesadelos; era como pêssego em vez de leite. As duas eram completamente diferentes; ele que estava assombrado pela própria memória.

Dessa vez a jovem não fugiu. Parecia que haveria um embate, e a moça o esperava para iniciar uma batalha.

— Dance comigo. — O convite foi feito em tom de desafio.

Essa dança não seria um prazer para outras damas do recinto que talvez acabassem aceitando por medo. Rejeitar um dos poucos duques disponíveis no país era complicado. Porém,



dançar com o único deles que não passava de um assassino era ainda pior.

Elevando mais o queixo, ela levantou a mão enluvada no ar, esperando que ele a segurasse. Desafio aceito. Ele pegou sua mão e não a levou a lugar nenhum. Trouxe-a para perto e fez com que dançasse ali mesmo, ao lado das janelas do salão e longe das pessoas. A música chegava com o som limpo.

Estudaram-se enquanto a melodia derradeira ainda tocava, rodaram no lugar sem dizer uma palavra até que os acordes dos músicos ficassem mais altos. Não havia passos ensaiados, eram só duas pessoas em um leve, indevido e tenso bailado. Continuaram se encarando enquanto o violino chorava suas notas finais antes que trocassem para a sala de jantar. Eles pararam antes de a música terminar ainda na posição de dança. Os centímetros entre eles podiam até ser medidos para comprovar a regra.

A mão direita de Isabelle continuava presa na dele, a outra esteve apoiada no alto do seu braço enquanto dançavam. Nathaniel segurou seu pulso direito, pouco depois de ela deixar de tocá-lo.

— A senhorita pretendia me matar justo aqui? Seria pouco aconselhável, sangue chama atenção. — Ele mantinha um aperto suficiente para contê-la.

Eles nem se moveram. A mão da jovem estava perto da saia do vestido onde havia um bolso escondido. Ele a impediu sem ter certeza de que ela tentaria, mas tinha experiência demais nessas situações para simplesmente deixar o gesto passar

despercebido. Dentro do bolso de Isabelle havia um canivete, e seus dedos estavam a centímetros de alcançá-lo.

Era só acertá-lo no pescoço, ele não teria salvação. Sangraria até a morte.

Isabelle soltou-se dele e deu um pequeno passo para trás. Ele não tentou detê-la.

O duque a fitava intensamente, perturbado com seus próprios pensamentos e com o fato de ela ter tomado uma posição tão desafiadora quanto a dele.

Talvez quisesse matá-lo. E ele se deixou levar como um animal a caminho do abatedouro. Não podia ser. Estava havia tempo demais nesse jogo para permitir que isso acontecesse.

*De novo.*

Sem pedir permissão, ele puxou o laço que prendia a máscara dela, segurou a peça e revelou a linda face da jovem. Os olhos dela flamejaram e ela fez o mesmo com a máscara dele em um gesto brusco, revelando o rosto marcante e másculo de olhos tão claros que o deixavam ainda mais diferente do monstro que ela havia imaginado.

*Olhos assombrosos. Como se fossem de outro mundo.*

O rosto de Isabelle era tão belo, tão diferente da memória que voltou para assombrar Nathaniel, que ele foi tomado por uma vontade proibida de tocá-lo para atestar sua veracidade. A mesma vontade estranha que se sentia ao ver uma obra de arte tão bem concebida que causava assombro.

Ainda surpresa, Isabelle se virou e o deixou lá. Mais uma vez, Nathaniel não tentou impedi-la. Mergulhado em pensamentos dolorosos, permaneceu ali, parado, até que olhou

para sua mão e notou que ficara com a máscara da jovem que em contrapartida levara a dele.

## Capítulo 2

Era manhã de domingo e Isabelle foi praticamente arrancada da cama. Sua tia gritava pelo quarto, Flore tentava vesti-la e ela procurava manter-se de pé, lutando contra o sono. Genevieve, mãe de George, acusava-a de ser uma inútil que não honrava o que comia, além de estar se tornando burra.

— O que aconteceu? Ficou com medo dele? — gritava a mulher.

Isabelle cometera o erro de contar a George que não trocara uma palavra sequer com o duque. Este obviamente contou para os pais, que quase tiveram um infarto.

— Você dançou com ele! Ficaram a sós e foi incapaz de convencê-lo a procurá-la novamente!

— Deixe-me em paz — pediu Isabelle, mal-humorada.

Genevieve ameaçou bater nela como fazia quando ela era mais nova, mas se conteve. A garota significava seu passe de entrada para a fortuna e vingança, não podia marcá-la. Precisariam agir de alguma outra forma, já que aquela inútil não conseguira fazer sua parte direito.

Isabelle podia ter dito o que quisesse, mas que diferença faria? No momento em que colocou os olhos no duque soube que nada do que haviam lhe falado para fazer surtiria efeito.

Notou então que sua família não conhecia aquele homem. Tudo que eles diziam com enorme autoridade não passava de especulação e informações equivocadas. Não sabiam quem o duque era, como vivia, do que gostava, nem como se comportava. Isabelle sabia que caso houvesse dito qualquer uma daquelas bobagens que a obrigaram até a ensaiar certamente nunca mais o veria.

\*\*\*

Uma semana havia se passado e Nathaniel voltou a ter aquele sonho. Justo quando havia conseguido se livrar das lembranças. Mas a moça que ele esperava nunca mais ver trouxe Meredith de volta. Seis anos atrás apaixonara-se por alguém que ele mesmo matou. Essa culpa sempre o acompanharia. Visualizando em sua mente a mulher que traiu sua confiança e seu país, sabia que as duas não se pareciam. Sua noiva era branca como mármore, uma palidez que estava na moda. Tinha o cabelo vermelho escuro, e os olhos castanhos eram tão claros que pareciam aguados. Além de muito alta e esguia.

Ele cometeu o erro de se envolver emocionalmente mesmo sabendo o quanto era perigoso. Em sua profissão ele já matara ou fora responsável pela morte de várias pessoas, ainda mais durante uma guerra. Mas a morte dela em especial o assombrava.

O duque trabalhava no serviço secreto inglês desde os 20 anos. Era o que chamavam de receptor. Estava havia cerca de cinco anos atuando oficialmente como o contato de seus

agentes. Em sua posição, mortes eram apenas números. Estudava antes de matar ou mandar um agente realizar a tarefa. Podia haver danos colaterais; fazia parte do jogo. Se não soubesse conviver com isso, não serviria para o trabalho. Portanto, era perturbador para ele, a essa altura e com um cargo tão importante, começar a ser assombrado pelo passado.

Talvez tivesse a ver com o fato de que não participava da temporada londrina há algum tempo. Viveu fora do país e quando estava na cidade não ia às festas e bailes. Comparecia quando queria encontrar alguém ou ser visto propositalmente. Mas naquele ano se mostrar mais sociável também seria parte do seu trabalho.

— Nathaniel, que bom que chegou cedo. Terei convidados para o jantar de hoje — informou Pamela, a duquesa viúva.

— Fico contente, mãe. — Ele não poderia se importar menos, e Pamela notou. Poucas pessoas no mundo o conheciam bem. Ela era uma delas.

Fazia tempo que não ocupavam a mansão em Londres juntos, e ela estava cheia de ideias, como se o filho não continuasse o mesmo.

— Espero que compareça. — Seu tom era de súplica.

— Não tenho compromissos para hoje à noite. — Nathaniel serviu-se de um copo de uísque importado, ou, melhor, contrabandeado.

Pamela sorriu sem dizer mais nada. Havia notado que, desde, seu retorno, o filho estava disposto a agradá-la. Também dissera que iria ficar deixando-a contente. Não sabia detalhes de suas missões diplomáticas; segundo ele, era seu jeito de ajudar o

país em tempos difíceis como a guerra, já que não podia ir lutar. O que a preocupava era que ele também estava em perigo quando deixava a Inglaterra. E ele parecia esquecer o que ela vivera ao lado do pai dele por duas décadas; foi o falecido duque que envolveu o filho no que fazia.

— Ótimo, pois você não vai acreditar em quem são meus convidados! — começou, entusiasmada.

— Realmente, não faço ideia. — Pelo tom dele, fazia pouca diferença.

— Os Bradford. Ou melhor, os Hitton — anunciou, sabendo que dessa vez causaria alguma reação no filho.

O duque se virou sobre o banco do aparador onde acabara de se sentar e olhou para a mãe. Apesar do ar indagador, não havia sinal de assombro em seu semblante. Pamela ignorou, pois, para ela, só o fato de ele se virar era surpreendente o bastante.

— Eu sei! Incrível, não? Estou há uma semana me encontrando casualmente com o novo marquês e a esposa dele. Os dois me contaram da tragédia pela qual a família passou com a morte do irmão dele. Óbvio que eu já sabia, mas não tinha ouvido deles. Ao trocarmos histórias sobre nossas famílias que há tantos anos mantêm distância por assuntos do passado, resolvemos mudar isso. Já está na hora.

— Chega a ser desconcertante — opinou Nathaniel, e a mãe não soube a respeito do que exatamente ele estava se referindo.

— Ah, meu filho, não seja antiquado. Nem sabemos mais por que deveríamos brigar.

— Nisso eu concordo — respondeu ele antes de beber mais um gole.

O duque atual tinha outras preocupações; nem seu pai alimentara a rixa, apesar de nunca ter tentado uma aproximação. Eram séculos de brigas sérias entre as duas famílias, que incluíam traições e muitas mortes; o tipo de coisa que não se mudava da noite para o dia.

— Ainda mais agora que eu nem sei se os Hayward terão futuro. Afinal, o último deles recusa-se a dar continuidade à família — alfinetou Pamela.

Nathaniel apenas se virou novamente no lugar; a mãe dele não conseguia deixar esse assunto de lado. Havia tomado como missão desde que o filho retornara de Viena e informara que não tornaria a viajar. Mesmo após a notícia da fuga de Napoleão, Nathaniel reafirmou que era mais útil em solo inglês.

— Não finja que não escutou. Já chega de me ignorar. Não quero que se case com nenhuma mulher enfadada o suficiente para nem se importar com o que dizem sobre você. Tudo isso só porque você acha que é o certo a fazer. Podia ser qualquer pessoa desde que você se apaixonasse. Mas nós dois sabemos que isso não vai acontecer. Então, sobram os acordos matrimoniais para gerar herdeiros com alguém que consiga fazê-los.

Diferente do que a sociedade dizia sobre as mulheres, aos 35 anos, o duque tinha de lembrar à mãe que uma mulher de sua idade estava perfeitamente apta a gerar filhos. Ele sabia que a mãe dizia isso para alfinetar sua preferência em não só se relacionar, mas em firmar algum acordo com alguma viúva



ocupada e que se não se importasse com o que ele fazia. Era até preferível que já tivesse filhos.

Ele as achava mais práticas; já haviam conhecido a vida, passado por um ou mais relacionamentos e tido sua cota de amantes e decepções. Era ótimo quando eram independentes e um casamento era desejável, mas não necessário. Portanto, um acordo teria mais chances de ser bem-sucedido para ambas as partes. Ele só precisava em sua vida: uma mulher desimpedida que o deixasse exercer seu trabalho.

— Não gosto de jovens imaturas que têm medo da própria sombra, ainda mais debutantes. Estou velho e impaciente demais para me submeter a isso. Ela me importunaria e eu a faria infeliz. Prefiro não causar esse mal a mulher alguma.

A mesma aversão que as debutantes tinham por ele, Nathaniel tinha por elas. A vida dele era perigosa. Associar-se a qualquer mulher significava colocá-la em perigo. Contudo, ele chegara a um ponto em que precisava investir mais tempo como duque de Hayward e não tanto como um espião a serviço da coroa britânica. A balança de sua vida dupla estava desequilibrada.

— Por que quer terminar com a família se gosta tanto do ducado? Primeiro tentou se matar indo a missões na guerra, e agora isso. — Pamela bufou. — É bom que você saiba que não é mais nenhum rapazote de vinte e poucos anos, mas tampouco chegou aos quarenta ainda. Ou seja, já está maduro demais para eu precisar lhe dizer que não há mais herdeiros na família.

Ela sabia que ter essa conversa com o filho não adiantava de nada; ele a ignorava solenemente. Mas Pamela não conseguia

aceitar que ele fosse uma pessoa tão solitária. Nathaniel podia ser o duque, mas ela era a mãe e tinha esperanças de que a essa altura aquele acidente do passado não passaria de uma memória dolorosa. Mas com o tempo Nathaniel havia se tornado ainda mais reservado, se é que isso era possível.

Ela não encarava sua reserva como uma característica pessoal; para ele, fazia parte do trabalho.

\*\*\*

A luxuosa carruagem dos Bradford, um dos poucos bens que escaparam de ser vendidos, parou em frente à magnífica mansão urbana dos Hayward. Só de olhar para ela, George rangia os dentes. Radical quanto aos culpados pelo infortúnio da família, Genevieve criou o filho com essa mesma visão. E com os delírios de grandeza que regiam sua vida; algo que chegou a um nível doentio quando recebeu o título de marquesa inesperadamente.

Genevieve não passava de uma prima distante que guardava muito ressentimento por seu lado da família não possuir o sobrenome *Bradford* e, por consequência, não possuir o status. George e ela estavam com sede de vingança. Já Isabelle sequer reparou na construção; suas orelhas queimavam de tanto que os seus três familiares falaram no trajeto. Ela daria tudo para ter ficado no campo com a mãe.

O mordomo recebeu os convidados e pendurou as capas, os casacos e chapéus antes de conduzi-los à sala de visitas. Tudo em volta demonstrava e cheirava a riqueza antiga. Os cômodos decorados e iluminados de maneira opulenta faziam os olhos de

George e seus pais brilharem. As casas dos Hitton costumavam ser muito bem cuidadas, mas as últimas gerações, e principalmente a atual, já haviam destruído em parte o que tinham.

Parando à porta da sala de visitas amarela que antecedia a sala de jantar, o mordomo anunciou os convidados. Pamela estava de pé no meio do aposento, e o duque, sentado em uma das poltronas em volta da mesa de centro que ficava exatamente de frente para a porta.

Como ditava a regra, o marquês entrou antes, acompanhado da esposa, seguido do filho e de Isabelle, relegada à última. O duque levantou-se ao vê-los, apesar de não ser obrigado a se levantar pela entrada de ninguém abaixo dele na hierarquia social. Mas um cavalheiro sempre se levantava quando uma dama entrava no recinto.

— É um prazer recebê-los em nossa casa. Faltava apenas conhecer o filho de quem tanto falamos — Pamela cumprimentou George, que lhe deu seu melhor e mais falso sorriso. — E sua sobrinha, filha do marquês que eu conhecia, é óbvio — disse Pamela, apreciando a medida perfeita que Isabelle fez para ela.

— É um prazer conhecê-la, Sua Graça — disse Isabelle.

Nathaniel se aproximou. Devia dar para ouvir o ranger dos ossos de George e dos pais quando tiveram de lhe fazer medidas. No entanto, ele estava olhando para o segundo cumprimento perfeito que Isabelle executava. É nítido que a jovem tinha que ser uma Bradford. Muito propício. Combinava com o fato de ele ter desconfiado de que ela pretendia enfiar uma lâmina no seu pescoço.